

SISTEMA FAEP



**Mala Direta
Postal**

9912288584/2011-DR/PR

FAEP

.....CORREIOS.....

BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVIII nº 1266 - 14/07/2014 a 20/07/2014

Tiragem desta edição 24.000 exemplares

DIAGNÓSTICO

BOVINOCULTURA DE CORTE

ENERGIA

As incertezas
do Xisto

COPEL

As explicações sobre
quedas de energia

ENTREVISTA

As opiniões de
Evaristo de Miranda

Aos Leitores



O exército alemão, na Segunda Guerra Mundial, celebrou a chamada “blitzkrieg”, uma forma de guerra relâmpago. Nós conhecemos recentemente um outro exército germânico, de apenas 11 homens, que em vez de blindados e bazucas nos campos ondulados europeus, dominou completamente a “brazuca” redonda no quadrilátero de grama verde com 105 metros de comprimento por 68 metros de largura. Onze também eram seus adversários vestindo camisas amarelas, calções azuis, meia brancas e chuteiras coloridas.

Nas próximas semanas saberemos os efeitos maiores do legado e dos estilhaços provocados pela “blitzkrieg” dos sete petardos e um revide na vida dos brasileiros.

Enquanto isso voltamos à batalhas cotidianas que parecem não ter fim para quem está no agronegócio. A colheita farta de trigo torpedeada pela liberação de tarifa de importação pelo governo; o milho e o feijão comercializados a preços menores que os custos de produção; o AGF prometido é um adiamento que atrasa; o governo não sabe se segura ou libera o câmbio e as notícias econômicas na mídia que conseguiram driblar as da Copa, foram mísseis contra as esperanças de que as coisas vão melhorar.

C'est La Vie, diriam os franceses ou “Ist Leben” para os alemães. É a vida...

Sendo assim, esta edição traz uma matéria sobre o “Diagnóstico da Pecuária de Corte Paranaense e Recomendações de Ações para o seu Desenvolvimento Sustentável”, desenvolvido pela FAEP e outras entidades. E publica as respostas da Copel aos produtores rurais que reclamam das quedas de energia em suas propriedades.

Índice

Opinião de Ágide Meneguette	03
Xisto	04
Copel e Avicultura	06
Bovinocultura	10
JAA	13
História - O Cruzeiro	14
Entrevista: Evaristo de Miranda	16
Safra 2013/14	20
Eleições	21
Conjuntura	22
Horticultura	23
Notas	24
Copa do Mundo/Leitor em Foco	25
Eventos Sindicais	26
Via Rápida	30

Fotos: Fernando Santos, Divulgação, Arquivo FAEP e Milton Dória

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |

F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |

F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon

Editor: Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

As incertezas do gás de xisto

Por Ágide Meneguette, *presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná*



Os Estados Unidos vem investindo pesadamente na exploração do gás de xisto não só por motivos econômicos, mas geopolíticos porque reduz sua dependência do petróleo existente no conflagrado Oriente Médio. Existem pelo menos 20 mil poços no território americano. Estima-se que as reservas de xisto representam 10% do total de petróleo e 32% do gás disponível no planeta.

O Brasil está entre os dez países com maiores reservas de gás de xisto com cerca de 6.9 trilhões de m³ de gás de xisto e de 5.3 bilhões de barris de óleo leve de xisto, em pelo menos três bacias sedimentares, segundo a Agência Internacional de Energia – AIE.

Em novembro do ano passado, a Agência Nacional de Petróleo – ANP leiloou 240 blocos exploratórios terrestres com potencial para gás natural em sete bacias sedimentares em 12 estados do país totalizando 168.348,42 km².

No Paraná foram leiloados 16 blocos, tendo a Petrobrás vencido nove deles e o Consórcio liderado pela Copel/Petra Energia outros sete.

O potencial de energia do gás do xisto, porém, esbarra na técnica exploratória conhecida como fracking (fraturamento hidráulico), alvo de preocupação em razão de dúvidas sobre a contaminação de aquíferos, potencial indutor de movimentos sísmicos e alto consumo de água. Essas questões provocaram manifestações

públicas em Toledo, no Oeste do Paraná, no final de maio.

Em razão disso, no último dia 30 de maio, o Ministério Público Federal (MPF), por meio da subseção de Cascavel da Procuradoria da República no Paraná, entrou com uma ação civil pública suspendendo os efeitos da 12ª Rodada de Licitações realizada pela ANP. A Agência, em 18 de junho, entrou com recurso pedindo a anulação do efeito suspensivo, determinado pela Justiça, mas o desembargador federal Cândido Alfredo Silva Leal Júnior, do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), negou e manteve a suspensão.

Preocupada com as possíveis consequências da exploração do gás de xisto no Estado, a Federação da Agricultura do Estado do Paraná – FAEP, promoveu duas viagens técnicas aos Estados Unidos e Canadá, e outras duas ocorrerão em agosto e setembro, de líderes rurais, técnicos e jornalistas da entidade.

Nos roteiros foram obtidos dois cenários. Nos Estados Unidos onde, ao contrário do Brasil, os proprietários rurais são donos e decidem não só sobre o uso do solo, mas também do subsolo, os geólogos do Illinois State Geological, da Universidade daquele estado norte-americano, garantem que os estudos não comprovam que o fracking provoca a contaminação das águas subterrâneas. Já no Canadá, a consultora do Ministério do Meio Ambiente da Província de Ontário, a geóloga Karen Berry Spark, alertou que ainda faltam informações para avaliar os impactos na exploração de gás de xisto.

A FAEP também buscou junto à Copel, consorciada a um grupo vencedor dos leilões da ANP, informações sobre a exploração do gás do xisto. A empresa revelou que seu interesse primeiro é o gás natural e que no oeste paranaense os blocos leiloados pertencem à Petrobrás, portanto responsabilidade da empresa controlada pelo governo federal. A Copel inclusive solicitou apoio da FAEP para debater e esclarecer com lideranças do Oeste paranaense essa questão.

A FAEP entende que é necessário, sim, um amplo debate com especialistas em prospecção, geológica e ambiental, sem radicalismo, para esclarecer tecnicamente os prós e contras da exploração do gás de xisto. Afinal o Brasil precisa de energia tanto quanto da agricultura.

Artigo publicado na Gazeta do Povo em 09/07/2014

As dúvidas sobre o gás de xisto

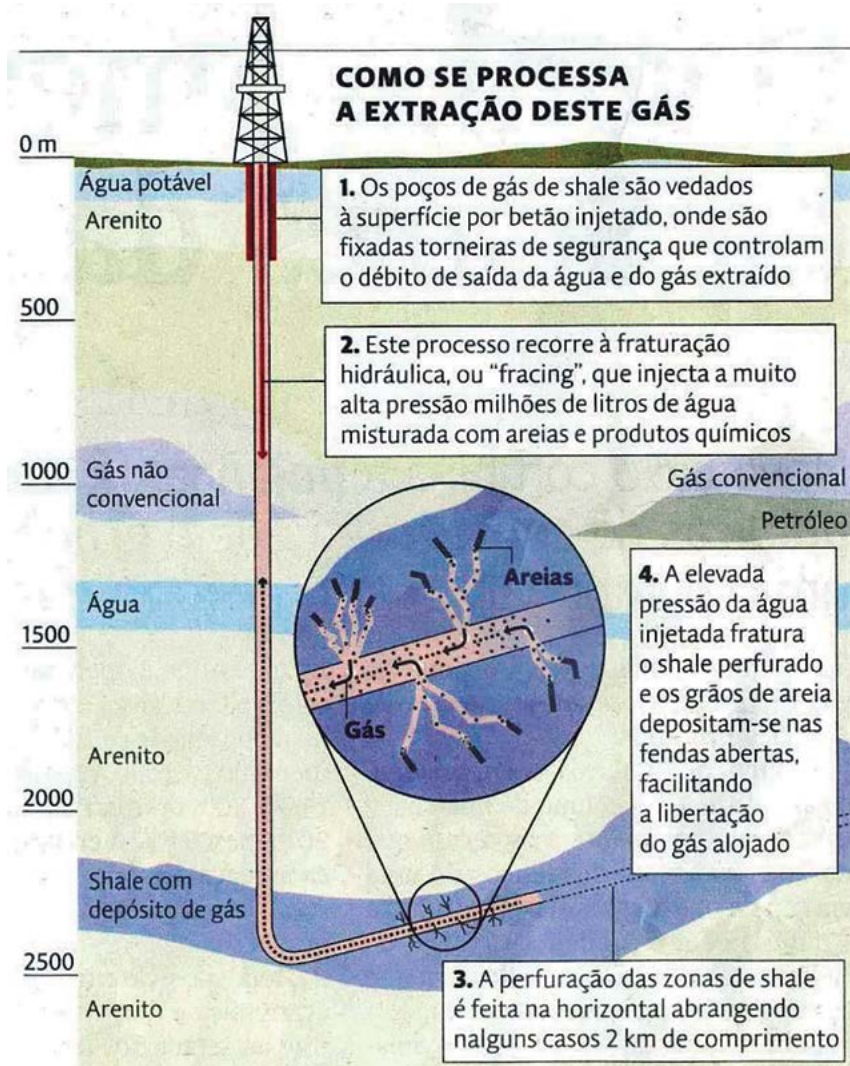
Seis décadas após o avanço da exploração do shale gas (gás não convencional) nos Estados Unidos, o Brasil começa a ensaiar seus primeiros passos na técnica popularmente conhecida como fracking, o chamado gás de xisto. Embora seja uma técnica utilizada pelos americanos há 65 anos em poços de petróleo se tornou alvo de preocupação no que diz respeito à contaminação de aquíferos e potencial indutor de movimentos sísmicos. Diante dessa incerteza, a FAEP vem buscando informações técnicas para avaliar se o fracking é viável e seguro. Preocupada com as possíveis consequências da exploração do gás de xisto no Estado, a instituição promoveu duas viagens técnicas aos Estados Unidos e Canadá em maio e junho. Na província canadense de Quebec, por exemplo, o fracking foi proibido por causa da falta de estudos sobre os seus impactos.

Assim, como ocorre no Brasil, no Canadá é o Estado que tem direito a fazer a exploração no subsolo. Isto é, os produtores não são donos do subsolo e pagam uma taxa para fazê-la. O Ministério do Meio Ambiente daquele país questionou sobre os impactos provocados pelo fracking e identificou problemas como a degradação das águas subterrâneas e de superfície, além de riscos de aumento de emissões de gases de efeito estufa. “Os problemas”, argumentam pesquisadores do Ministério, “podem demorar a aparecer e muitos não são facilmente perceptíveis, como a qualidade do ar, escapes de vazamentos no ar, contaminações de poços de água e a própria restauração da área explorada”. Outra preocupação é a contaminação das águas superficiais e subterrâneas, quando podem ocorrer acidentes com a liberação de resíduos e produtos químicos na água.

Nos Estados Unidos os produtores encontraram um cenário mais otimista em relação à exploração do gás de xisto. Na avaliação dos geólogos Robert Bauer e Joan Crockett, da Universidade de Illinois, a técnica é segura e até o momento não há nenhum estudo científico que comprove a contaminação de águas subterrâneas pelo faturamento hidráulico. Eles apontaram outros impactos, como aumento de movimento de caminhões nas áreas de exploração, de poluição e no número de trabalhadores.

O “fracking”

A tecnologia de faturamento hidráulico, processo de exploração de gás de xisto é realizada com uma perfuração vertical até a camada onde está armazenado o gás no subsolo. Em Illinois, por exemplo, a média de profundidade é de 3,2 quilômetros verticalmente e se estende a mais 3,2 quilômetros horizontalmente. “O poço é revestido com concreto para evitar a contaminação do solo e da água. Na superfície a área utilizada durante o período de perfuração do poço é de 0,8 hectares aproximadamente. Após atingir a camada de rochas com gás, a perfuração passa a ser horizontal. A técnica do fraturamento hidráulico em si consiste em abrir fissuras nas finas camadas da rocha com jatos de água misturada com areia e produtos químicos sob alta pressão, desprendendo o gás para exploração”, explicou Robert Bauer.



fonte: http://sustentabilidadenaopalavraeacao.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html



Planta para exploração de gás de xisto na América do Norte

As reservas brasileiras

O Brasil não possui estudos geológicos suficientes que permitam a exploração segura de gás de xisto, de acordo com parecer técnico elaborado por entidades do governo federal ligadas ao meio ambiente. O estudo sugere uma discussão mais ampla antes de o país explorar essa alternativa energética. O documento é assinado pelo Grupo de Trabalho Interinstitucional de Atividades de Exploração e Produção (GTPEG), formado por membros do Ibama, Ministério do Meio Ambiente e ICMBio, órgão que trata das reservas ambientais brasileiras.

A maior parte desse mineral está concentrada em poucos países e a rentabilidade da exploração ainda é difícil de estimar. Segundo a Energy Information Administration (agência norte-americana especializada em informações do setor), o Brasil tem a 10ª maior reserva de gás xisto do mundo, com 6,4 trilhões de metros cúbicos. A China lidera a lista, com 36,1 trilhões de metros cúbicos, seguida de Argentina, Argélia, Estados Unidos e Canadá.

Interdição

Em novembro do ano passado, a ANP através de um leilão ofereceu a possibilidade de exploração de gás de xisto na Bacia do Rio Paraná. A área que compreende a licitação afeta diversas cidades paranaenses. Entre as cidades que podem ser atingidas por consequências da exploração do gás estão Toledo, São João, Cantagalo, Roncador, Coronel Vivida, Rio Bonito do Iguaçu, Nova Cantu e Nova Laranjeiras. O lote de concessão foi arrematado por um consórcio que compreende a Petrobras, a Copel e ainda as empresas Cowan Petróleo, Bayar, Petra Energia e Tucumann Engenharia.

Em 30 de maio, o Ministério Público Federal (MPF), por meio da subseção de Cascavel da Procuradoria da República no Paraná, entrou com uma ação civil pública para a suspensão dos efeitos da 12ª Rodada de Licitações realizada pela ANP. Foi o início das discussões no âmbito da Justiça, com sucessivos recursos e decisões.

A penúltima delas em 24 de junho, quando a Justiça Federal do Paraná recusou o recurso da ANP e manteve a suspensão dos resultados da 12ª Rodada de Licitações, realizada em novembro.

As explicações da Copel

Companhia detalhou as medidas no fornecimento de energia elétrica a produtores e FAEP busca solução conjunta entre a indústria integradora-produtores e fornecedores de geradores



Os constantes problemas no fornecimento de energia elétrica que atingem principalmente a avicultura de seis regiões produtoras do Paraná, foram relatados e encaminhados, em ofício, pelo presidente da FAEP, Ágide Meneguette, ao presidente da Copel, Lindolfo Zimmer, no último dia 30 de abril. No documento, Ágide elencou os principais problemas e as dificuldades dos avicultores paranaenses com o fornecimento de energia elétrica nos últimos anos. No último dia 16 de junho, o superintendente de Engenharia de Operação e Manutenção da Distribuição da Copel, Pérciles José Neri, encaminhou um ofício-resposta e manteve reunião com a assessoria da presidência da FAEP, detalhando as medidas que a companhia vem tomando em relação ao atendimento a produtores rurais. Durante o encontro na sede da FAEP, os técnicos da empresa

elétrica argumentaram que embora existam medidas para evitar os transtornos no abastecimento de energia das propriedades, há fatores imponderáveis. Neles estão eventos climáticos - fortes ventanias, tempestades, acidentes em postes e torres, entre outras.

O aconselhável seria os produtores dotarem suas propriedades com geradores para suprir as interrupções do fornecimento de energia. A FAEP, em conjunto com a Comissão de Avicultura, deverá atuar no sentido de se encontrar um entendimento conjunto do produtor-indústria/integradora-produtores de geradores para uma solução equilibrada na cadeia de produção de frangos. Essa medida poderia também se estender à pecuária de leite e à suinocultura, também dependentes de energia em maior ou menor escala.

Confira abaixo o relato com as principais dificuldades dos produtores em seis regiões do Estado e as medidas que vêm sendo tomadas pela companhia.



Região de Chopinzinho

- Falta de energia com quedas frequentes, com tempo de retorno com variações de mais de 12 horas;
- Falta de mais profissionais da Copel, local e regional, para regularizar os problemas e redes danificadas;
- Muitas árvores nativas e plantações de eucalipto próximas às redes, precisando ser retiradas para não ocasionarem problemas nas redes quando há ocorrência de fortes ventos e chuvas.

Resposta da Copel

Segundo a instituição, “a subestação Chopinzinho 138kV” está sendo construída com obras vinculadas no valor de R\$ 26,8 milhões. “A montagem está em fase final, com previsão de início de operação no mês de agosto de 2014, o que trará ganhos no tocante à frequência e à duração das interrupções no sistema elétrico. Além disso, vai beneficiar diretamente o município e região”, mostra o documento. Em relação às árvores, a Copel informou que vai realizar ações preventivas de poda de acordo com a necessidade e o cronograma pré-estabelecido.



horas, no entanto, sabemos que a empresa terceirizada na região não vem cumprindo esse prazo;

Resposta da Copel

A Copel informou investimentos em obras no valor de R\$ 2.020.846,21 incluindo a substituição de cabos de energia, instalação de redes compactas, construção de novo alimentador e instalação de equipamentos ao longo das linhas de distribuição. Além disso, está ampliando a subestação em Medianeira. Em relação à medição citada de baixa tensão de 320V, a companhia disse que certamente não é o ponto de entrega, “tendo em vista que esta tensão não é uma das tensões padronizadas de fornecimento da Copel”. Quando se trata do atendimento

do 0800, a empresa destaca que todas as ligações recebidas no seu “call center” respeitam fila única e que mais de 90% das chamadas são atendidas em até 30 segundos. Em relação ao pedidos de restabelecimento de energia, de acordo com a Copel, “o prazo para restabelecimento da energia quando da ocorrência de interrupções depende da natureza e gravidade destas, bem como da abrangência do evento que lhes deu causa. O prazo de duas horas citado é uma prazo médio, na maioria das vezes atendido pela companhia, mas não é regulado, podendo ser extrapolado em algumas ocasiões pelos motivos citados anteriormente”.

Região de Medianeira

- A energia não está chegando com carga necessária para atender a demanda de consumo. Exemplo disso é onde a energia precisa chegar à tensão 380 volts nos horários de pico, está chegando com 320 volts, gerando sobrecarga e, conseqüentemente, desarmando chaves ou queimando aparelhos de aviários;
- Atendimento do 0800 da Copel não funciona fora do horário comercial;
- O prazo regulamentar para restabelecimento de energia é duas



Região de Carambei

- Ocorreram problemas de queda de energia diariamente no mês de fevereiro e início de março deste ano, em Carambei, distrito de

ocorreram desligamentos no período citado, mas os mesmos tiveram frequência dentro da média normal dos anos anteriores. “Não tendo sido registrados em nossos sistemas frequência diária de interrupções de fornecimento”.

Catanduvas, comprometendo o desenvolvimento dos plantéis e mortes de aves.

Resposta da Copel

A companhia lembrou investimentos em obras no valor de R\$ 586.534,00 com a substituição de cabos de energia, instalação de redes compactas e de equipamentos especiais ao longo das linhas de distribuição. Confirmou ainda que realmente



Região de Dois Vizinhos

- Falta de energia sempre que ameaça chover na maioria das linhas de distribuição;
- Linhas de transmissão no limite da capacidade havendo frequente sobrecarga;

- Demora no restabelecimento da energia quando há uma queda no fornecimento;
- Sugestão de fazer desligamentos programados em horários pela manhã, pois no período da tarde a ausência de energia nos aviários se torna crítica principalmente pela temperatura ambiente inadequada ao desenvolvimento das aves.

Respostas da Copel

De acordo com a companhia, na região rural de Dois Vizinhos estão sendo investidos R\$ 3.521.095,00, com a construção de subestação 34,5kV, de dois novos alimentadores e a instalação de equipamentos ao longo das linhas de distribuição. Em relação a todas as linhas de transmissão que atendem o município, a Copel afirmou que estão devidamente dimensionadas para operação em regime normal e também em emergência, diferente do que foi apontado pelos avicultores da região.



moderna tecnologia, entre outras atividades agrícolas. As linhas de transmissão têm aproximadamente 40 anos.

Resposta da Copel

Segundo a Copel, investimentos em obras no valor de R\$5.210.024,00 incluindo a substituição de cabos de energia, instalação de redes compactas, construção de um novo alimentador, instalação de equipamentos ao longo das linhas de distribuição e instalação do segundo transformador na subestação Palotina. Em relação às linhas de transmissão

informou: “A Copel ratifica as linhas de transmissão e as redes de distribuição que atendem o município de Palotina e região estão adequadamente dimensionadas para atender as cargas. Estas instalações operam normalmente e com a segurança que uma instalação de média e alta tensão requer”.

Região de Palotina

- Há uma grave situação nas redes de fornecimento de energia nas áreas rurais da região devido ao aumento do consumo com a implantação de novos e maiores aviários, tanques de peixe com



- O excesso de burocracia para o pagamento de indenização pela perda de equipamentos por causa de problemas técnicos do abastecimento de energia.

Resposta da Copel

Quando se trata do primeiro assunto, a Copel afirmou: “Informamos que dispomos de equipes próprias e terceirizadas com força de trabalho suficiente para atendimento de serviços em campo com dimensionamento adequado à demanda de serviços gerados na região. Em relação às

indenizações justificou: “A Copel informa que cumpre rigorosamente o disposto na regulação (Prodist módulo 9) que trata dos processos de ressarcimento de danos elétricos e que frequentemente é auditado pelo órgão regulador (Aneel) sobre o referido tema”.

Região de Astorga

- Falta de pessoal para atender as demandas de falta de energia e reclamaram dos equipamentos obsoletos que podem estar provocando as frequentes quedas de energia;

O Diagnóstico da Pecuária de Corte

Uma lupa na bovinocultura de corte paranaense



No último dia 27 de junho a Comissão Técnica de Bovinocultura de Corte recebeu o “Diagnóstico da Pecuária de Corte Paranaense e Recomendações de Ações para o seu Desenvolvimento Sustentável”, resultado de um trabalho conjunto da FAEP, Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV-PR), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA-PR) e Associação dos Engenheiros Agrônomos do Paraná.

O estudo foi realizado a pedido e com apoio da FAEP, e apresentado anteriormente à sua diretoria. Ele apresenta os resultados obtidos com a realização do Ciclo de Pecuária de Corte, em 2013, adiantando as necessidades do produtor de conhecer seus custos de produção e do fortalecimento das pesquisas para aumentar a produtividade dos rebanhos nos diferentes sistemas de produção.

Na elaboração do diagnóstico os pesquisadores da UFPR formularam uma descrição da estrutura e funcionamento dos elos que compõem a cadeia produtiva da carne bovina paranaense: do consumidor final ao varejo, o distribuidor, a indústria, o intermediário,

o pecuarista e o setor fornecedor para produção. Em seguida foi apresentado um relato dos fatores que emperram o desenvolvimento da cadeia de bovinocultura de corte no estado e por último, as recomendações técnicas e sugestões para as dificuldades encontradas.

Através do diagnóstico serão definidos grupos de interesse e identificadas propriedades-referência (gestão, pastagem, nutrição, reprodução, genética) em suas regiões. “A ideia é que estas propriedades sejam boas em algum item da cadeia produtiva da carne, para servirem de modelo para outras regiões”, explica o presidente da comissão, Rodolpho Luiz Werneck Botelho.

Outro eixo para o desenvolvimento do Plano de Desenvolvimento da Pecuária será a realização de seminários, visitas técnicas, dias de campo, e outros eventos que promovam a troca de informações entre os pecuaristas paranaenses. “O ser humano tem que ver pra crer. Esse mecanismo de visitação é a melhor forma de transferir tecnologia para o produtor. Quando o pecuarista vê que alguma coisa deu certo ele se propõe a implantar o que viu na sua propriedade”, completa.

As observações

Sob a coordenação do médico-veterinário e assessor da diretoria da FAEP, Ronei Volpi, os assessores técnicos da Comissão a engenheira-agrônoma Maria Silvia Digiovani e o médico-veterinário Celso Doliveira, foram feitas as seguintes observações sobre o diagnóstico:

Falta de mão de obra capacitada para a pecuária

- Para amenizar o problema é interessante o estabelecimento de parceria público-privada com escolas agrícolas.

Identificação de cenário futuro

- Considerando a capacidade ociosa dos frigoríficos, concorrência da pecuária de corte com agricultura e florestas (celulose), falta de escala dos pecuaristas, entre outros, é necessário buscar conhecimento do cenário futuro para organizar o planejamento dos pecuaristas, evitando que haja excesso de produto. Temos que planejar o que queremos ser no Paraná, Brasil e mundo.

Definição de padrão

- É necessária a definição e implantação de tecnologias comuns a todos os pecuaristas para propiciar padrões de animais. Padrão e regularidade da qualidade são fundamentais.
- Esse é o primeiro passo; o segundo será desenvolver trabalhos regionais específicos.

Custo de produção da pecuária:

- Foi solicitada a disponibilização de aplicativo simples para cálculo de custo de produção de todas as etapas de pecuária.

Sobre área livre de aftosa sem vacinação:

- As opiniões divergem: alguns consideram ser o momento de assumir o fim da vacinação, outros temem pela dificuldade de fiscalização nas fronteiras para garantir a sanidade sem vacinação.

Sobre a falta de assistência técnica aos pecuaristas:

- A realização de dias de campo é fundamental para troca de experiência entre pecuaristas, já que a falta de assistência técnica é regra na pecuária, porque o pecuarista não procura e também porque existem poucos assistentes técnicos capacitados para a pecuária.
- O Plano de trabalho para a pecuária a ser aprovado pela comissão técnica prevê capacitação para os técnicos a serem indicados regionalmente.

Integração lavoura-pecuária e floresta

- Aprofundar conhecimentos que propiciem esta integração é fundamental, já que em muitos casos apenas a pecuária não é suficiente para garantir a renda necessária ao produtor.



Fornecimento de reprodutores:

- Foi sugerido que as alianças mercadológicas disponibilizem reprodutores ao pecuarista fornecedor de bezerros, recebendo bezerros como pagamento.

Estímulo a feiras de bezerros:

- As feiras de bezerros são importantes tanto para abastecimento dos pecuaristas quanto como referencial de preços.

Fiscalização sanitária:

- Necessária maior fiscalização da sanidade de bezerros comercializados, principalmente na região Oeste Paranaense.

Financiamentos para a pecuária:

- Foi apontada a necessidade de juros menores e prazos maiores conforme o ritmo de produção e comercialização da pecuária de corte, associado à exigência de projeto e rigor para aprovação, uma vez que a ausência de projeto pode levar o agricultor a prejuízos.

A identificação de todo o rebanho:

- A Comissão de bovinocultura de corte apoia, a médio prazo, a identificação individual dos animais a partir do nascimento, justificando que trata-se de ferramenta de gestão a custo baixo e que só a facilidade de manejo e embarque dos animais já justificam o preço dos brincos.
- A identificação trará facilidade de identificação em caso de um foco de doença, permitindo isolamento rápido da área em vez de isolar o país inteiro.

As ações no segundo semestre

- Ações imediatas, entre agosto e dezembro, foram elaboradas pela assessoria técnica da Comissão de Bovinocultura de Corte, que resultarão no estabelecimento de um “Plano para Bovinocultura de Corte no Paraná”. Elas serão analisadas no próximo dia 25 de agosto pela Comissão.

Entre elas estão:

- Identificação de pecuaristas para constituírem grupos de interesse nos Sindicatos Rurais;
- Identificação de propriedades-referência local ligadas ao grupo;
- Programação de seminários e dias de campo com objetivos técnicos/motivacionais;
- Programação de seminários e dias de campo com objetivos técnico/motivacionais;
- Estruturação de uma turma de técnicos para qualificação em assistência técnica;
- Articulação para constituição de parcerias institucionais públicas e privadas para estruturar ações quanto à assistência técnica, ensino, pesquisa, sanidade, entre outros; Identificação de possíveis indústrias parceiras para estabelecimento de programas de pagamento por qualidade;
- Estruturação do Plano Integrado de desenvolvimento da pecuária de corte para ser implantado a partir de 2015.



JAA coloca foco na gestão rural

Programa voltado a jovens do campo completa uma década de atividade em 2015 com foco na gestão



Em 2015, o Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) completa 10 anos de existência. Para marcar esta data, o programa será reestruturado de modo a atualizar seus conteúdos para acompanhar a nova geração de alunos e prepará-los para ser futuros gestores rurais. “Percebemos que era preciso trabalhar mais intensamente a parte de gestão”, afirma a coordenadora do

JAA Regiane Hornung. Segundo ela, os conteúdos do programa foram adequados para trabalhar a gestão rural de forma mais completa.

O JAA tem o objetivo de levar aos jovens do campo informações sobre as oportunidades no meio rural, qualificando-os profissionalmente, despertando uma visão empresarial e capacidade empreendedora.

De acordo com a coordenadora, nos últimos dois anos foram realizadas pesquisas internas junto aos participantes do programa e seus instrutores para levantar quais os pontos mais importantes que deveriam ser trabalhados para nortear esta mudança. “Com o foco na gestão, também vamos trabalhar mais a questão da sucessão na propriedade, em um momento do curso a família vai participar do processo junto com o filho”, aponta Regiane.

Desde que foi criado, em 2005, o JAA conta com 28.717 jovens que concluíram o módulo básico do programa “Gestão do Agronegócio”. Após concluído este módulo os alunos passam para módulos específicos, voltados para cada cadeia produtiva, como Pecuária Leiteira, Fruticultura, Mecanização, Agricultura Orgânica, Cana-de-açúcar e Olericultura.

Parceria para formação rural

Reforço no currículo aliado à oportunidade de emprego. Esse é o objetivo de uma parceria formada entre o Sistema FAEP/SENAR-PR, o Colégio Agrícola de Campo Mourão e a cooperativa Coamo, que está levando a uma turma de jovens estudantes conteúdos que irão ajudá-los a se preparar melhor para a vida profissional.

Através desta parceria os alunos do colégio agrícola sairão formados como “monitor em mecanização de grãos”, que

reúne competências para monitoramento, operação e manutenção de máquinas agrícolas. Para completar a formação, a Coamo vai disponibilizar sua fazenda experimental para experiências e visitas.

A iniciativa teve início em junho deste ano, na forma de um projeto piloto junto a uma turma do terceiro ano do colégio. O objetivo é estruturar o programa para estar em plena operação no início de 2015. Segundo a pedagoga e técnica do SENAR-PR, Regiane Hornung, o aluno participante sai do colégio como técnico agrícola e pelo SENAR-PR como monitor em mecanização de grãos. “Ele vai aprender a fazer e vai saber gerir”, afirma.

O CRUZEIRO

A revista que revolucionou a imprensa brasileira no século XX



“O Cruzeiro” foi uma revolução na imprensa brasileira. Numa época em que não havia televisão e o rádio era o grande veículo de informação, a revista semanal e ilustrada foi lançada no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1928. Era editada pelos Diários Associados, império do notório Assis Chateaubriand, celebrizado no livro “Chatô, o Rei do Brasil”, do jornalista e escritor Fernando Moraes. Nessa obra, Assis Chateaubriand, ou apenas Chatô, é dissecado por sua atuação na política, nos negócios e nas artes como se fosse um cidadão acima do bem e do mal. “Mais temido do que amado, sua complexa e muitas vezes divertida trajetória está associada de modo indissolúvel à vida cultural e política do país entre as décadas de 1910 e 1960”, resumiu a editora do livro - a Cia. das Letras.

Com os melhores jornalistas do país, “O Cruzeiro” tornou-se a principal revista ilustrada brasileira da primeira metade do século XX.

Estabeleceu uma nova linguagem na imprensa brasileira com inovações gráficas, publicação de grandes reportagens, ênfase ao fotojornalismo. Fortaleceu a parceria com as duplas repórter-fotógrafo, a mais famosa formada por David Nasser e Jean Manzon

que, nos anos 40 e 50, fizeram reportagens de grande repercussão, boa parte delas recheadas de registros que eram mais produto da cabeça de Nasser do que propriamente dos fatos.

A revista deixou claro em seu primeiro editorial que se diferenciava de suas “irmãs mais velhas que nasceram das demolições do Rio Colonial”, colocando-se na vanguarda da modernidade aliando seu nome a tecnologias modernas: “O Cruzeiro encontrará ao nascer arranha-céu, a radiotelefonía e o correio aéreo”.

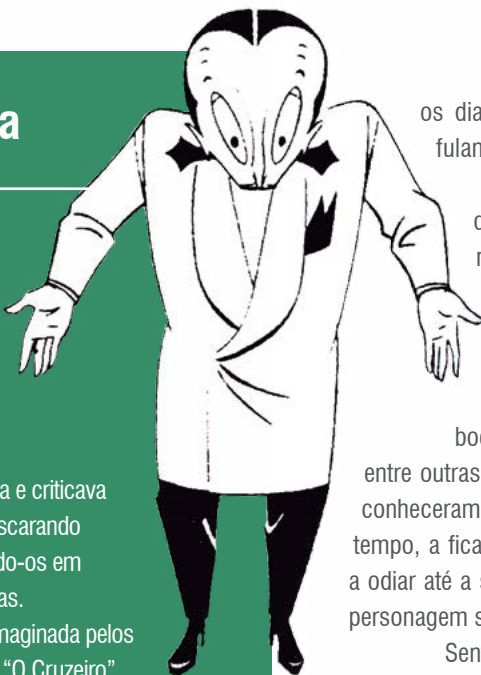
Cobrando o suicídio de Getúlio Vargas em agosto de 1954 a revista atingiu a impressionante tiragem de 720.000 exemplares. Até então, o máximo alcançado fora a marca dos 80.000. Daí em diante, o número se manteve.

Nos anos 60, O Cruzeiro entrou em declínio por má gestão, com o desuso de suas fórmulas e o surgimento de novas publicações, como as revistas Manchete e Fatos & Fotos. O fim da revista aconteceu em julho de 1975, com a consagração definitiva do instantâneo televisivo e o fim do império dos Diários Associados de Chateaubriand.

O Amigo da Onça

Um dos grandes personagens da revista O Cruzeiro era o “Amigo da Onça”, criado pelo cartunista Péricles e publicado pela primeira vez em 23 de outubro de 1943. O personagem satirizava, ironizava e criticava os costumes da época, desmascarando seus interlocutores ou colocando-os em situações muito constrangedoras.

A ideia do personagem foi imaginada pelos próprios diretores e editores de “O Cruzeiro” que desejavam ter um personagem fixo e disponibilizavam até um nome, que provavelmente foi adaptado por essa piada abaixo:



os dias atuais é comum se usar a expressão de que fulano é um “Amigo da Onça”.

Péricles, cujo nome completo era Péricles de Andrade Maranhão, ou simplesmente Péricles, nasceu no dia 14 de agosto de 1924, em Recife, Pernambuco. O personagem “Amigo da Onça” também fez com que a vida de seu criador se transformasse e lhe possibilitasse um grande bem-estar social e econômico. Péricles era um boêmio, adorava uma boa conversa, uma cervejinha, entre outras coisas mais. Mas, segundo diversos autores que conheceram Péricles de perto, dizem que ele começou com o tempo, a ficar com a sua personalidade atormentada e passou a odiar até a sua criação maior, apesar de continuar a ilustrar o personagem semanalmente.

Sentindo-se perseguido pelo personagem, Péricles se suicidou no dia 31 de dezembro de 1961, em seu apartamento no Rio de Janeiro, abrindo o gás e deixando um aviso na porta com os dizeres: “não risquem fósforos”.

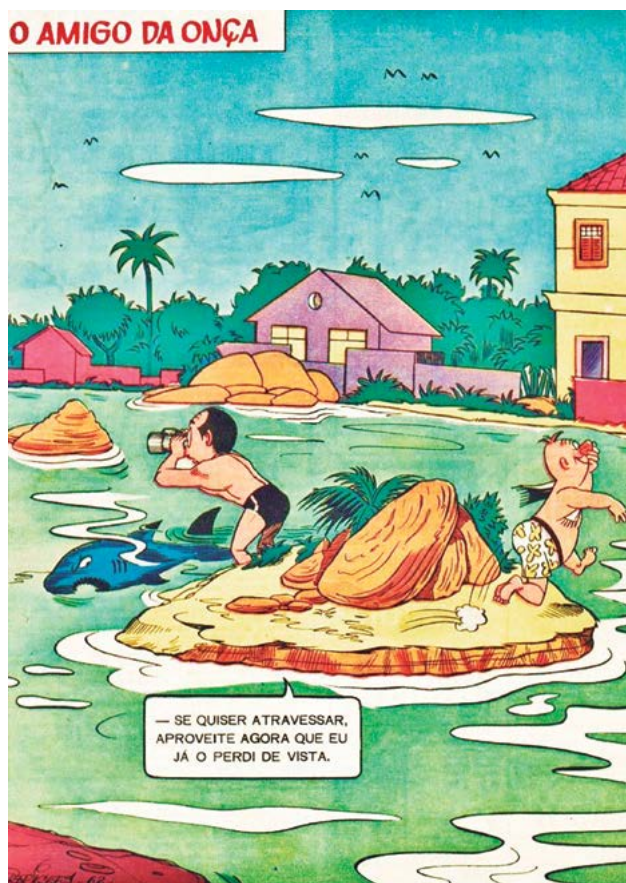
Depois de sua morte, o personagem continuou pelas mãos do cartunista também pernambucano Carlos Estevão. Ele permaneceu criando as charges do personagem até sua morte por trombose cerebral, em 1972.

Um caçador pergunta ao outro, num acampamento.

- O que você faria se aparecesse uma onça na sua frente?
 - Eu dava um tiro nela, ora!
 - E se você não tivesse um revolver?
 - Então eu a cortava com meu facão!
 - Mas se você não tivesse essa faca?
 - Então apanhava um pau.
 - E se não tivesse um pau por perto?
 - Ah! Então eu saía correndo, oras!
 - E se suas pernas travassem na hora?
- Então o outro já enfurecido, com a insistência, retruca:
- Mas, afinal, você é meu amigo ou amigo da onça?

Com sua cara ovóide, de olhos arregalados e fino bigodinho, durante décadas faria rir milhões de brasileiros, com suas safadezas cruéis.

O personagem se tornou um grande sucesso na revista e passou a ser publicado semanalmente. Acabou até virando um sinônimo para denunciar um amigo não muito leal e que não passa a verdade, muitas vezes um sujeito falso ou hipócrita, a qual recomenda-se manter uma boa distância. Até



Lições de bom senso

Engenheiro agrônomo da Embrapa Evaristo de Miranda estuda o equilíbrio entre a agricultura e a conservação dos recursos naturais. Ele concedeu em junho essa entrevista à revista Agroanalysis.



Agroanalysis - A disputa entre ruralistas e ambientalistas acirrou ou amenizou depois da aprovação do novo Código Florestal?

Evaristo de Miranda - Os embates são bem mais complexos. Não são apenas dois atores, e sim uma multiplicidade. As circunstâncias mudaram, mas o empecilho de vários processos não ajuda a ter uma perspectiva mais construtiva. Veja, por exemplo: o novo Código Florestal foi aprovado (Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012), e foram dois anos para a esfera governamental começar a operacionalizar efetivamente o Cadastro Ambiental Rural (CAR)

e o Programa de Regularização Ambiental (PRA), ainda pendentes de problemas técnicos e legislações estaduais. Sem essas normas de execução, os produtores foram pressionados no sentido de pagar multas indevidas, que vêm sendo inscritas na dívida ativa da União, conforme denunciado pela área agrícola. A lei pode amenizar as disputas evocadas em sua pergunta, mas ela precisa ser regulamentada e aplicada com uma exegese equilibrada, e não ignorando direitos dos produtores, como o de não possuir Reserva Legal quando o desmatamento ocorreu em conformidade com a legislação de sua época. O artigo 68 da nova lei, que trata desse tema, segue igno-

rado e tratado como se não existisse nos manuais e cartilhas sobre CAR e PRA.

Agroanalysis - Por que a legislação ambiental é pobre em conteúdo tecnológico?

EM - A dimensão tecnológica não existe na nova lei florestal. A agricultura foi tratada, nos debates, pela mídia e na legislação, como uma prática do Neolítico. Um exemplo é a proibição de cultivar encostas, exploradas no mundo inteiro – como em arrozais irrigados e cultivos de chá e de café na Ásia; plantios de batatas e cereais nos Andes; viticultura e fruticultura na Europa etc. Cultivar encostas no Brasil com tecnologias

de conservação de solo e água, com cultivos perenes como café, seringueira, eucalipto, fruteiras, pastagens etc., não causa maior impacto ambiental. A legislação ambiental deveria ter proibido nas encostas a agricultura sem tecnologia e sem boas práticas agrônômicas e premiado a agricultura sustentável, com tecnologia. Para muitos, por ignorância ou má-fé, esta última agricultura não existe. E a lei generaliza a proibição de uso das encostas no Brasil como se fosse um sinônimo de devastação ambiental. A revisão futura da lei retomará o uso da tecnologia na agricultura, dimensão a ser incentivada, e não punida ou ignorada.

Agroanalysis - E a criação indiscriminada de unidades de conservação e terras indígenas?

EM - A criação não é indiscriminada. Ela segue a lógica e a pressão de diversos grupos sociais. O que não existe é planejamento estratégico desse conjunto de atribuições de porções territoriais, destinado

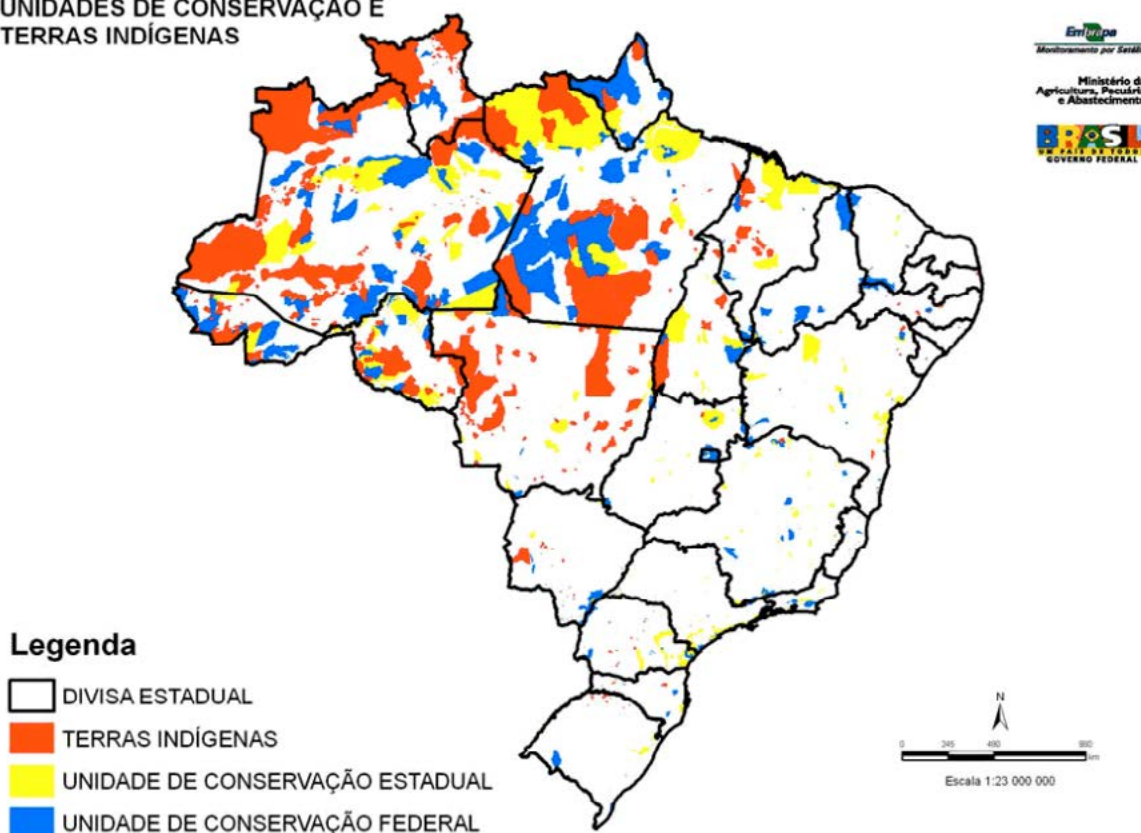
exclusivamente a minorias, finalidades ou grupos específicos. Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente (em outubro de 2013), 1.098 unidades de conservação (UCs) ocupam 17% do Brasil. Para a Funai, as 584 terras indígenas (TIs) ocupam aproximadamente 14% do território nacional. Quando reunimos as duas categorias, eliminando sobreposições, elas ocupam 247 milhões de hectares ou 29% do país. Segundo a IUCN (International Union for Conservation of Nature), os onze países com mais de 2 milhões de quilômetros quadrados existentes no mundo (China, EUA, Rússia etc.) dedicam 9%, em média, de seus territórios às áreas protegidas. Com quase 30%, o Brasil é o campeão mundial da preservação. No caso das UCs, a legislação ambiental brasileira ainda define, no seu entorno externo, uma zona de amortecimento onde as atividades agrícolas são limitadas por determinações da gestão e do manejo da UC (proibição de transgênicos, de pulverizar com aviação agrícola etc.). A largura desta zona é variável. Em nossas

estimativas geocodificadas, seu alcance vai de 10 a 80 milhões de hectares adicionais (1% a 9% do Brasil).

Agroanalysis - Além disso, há os assentamentos, reservas extrativistas e quilombos. Qual sua dimensão e alcance?

EM - Sob responsabilidade do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), existem 9.128 assentamentos, de diversas naturezas e estágios de implantação. Eles ocupam 88,1 milhões de hectares (10,2% do Brasil ou 14,4% do que resta quando descontadas as UCs e TIs). Pelos dados do Incra e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, as 268 áreas quilombolas existentes ocupam cerca de 2,6 milhão de hectares. Uma das missões da minha equipe é analisar o conjunto das atribuições e demandas territoriais e colocá-las no mapa. Existem milhares de solicitações adicionais de criação e/ou ampliação de UCs, TIs, assentamentos e áreas quilombolas. Esse desafio de gover-

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E TERRAS INDÍGENAS



nança fundiária envolve conflitos graves, processos judiciais, impactos sociais e vastas porções territoriais, com implicações econômicas e custos significativos. E, em geral, são áreas já ocupadas pela agricultura e até por núcleos urbanos.

Agroanalysis - Quanto do Brasil já está atribuído a todos esses grupos e minorias juntos?

EM - Os dados de diferentes ministérios, reunidos e estudados pelo Grupo de Inteligência Territorial Estratégica da Embrapa, indicam que mais de 290 milhões de hectares, 34% do território nacional, estão assim atribuídos. O mapa do Brasil com mais de 11.078 áreas legalmente atribuídas mostra um enorme desafio de gestão territorial e fundiária. Cada uma delas pede um tipo de gestão, avaliação e monitoramento. Além das demandas adicionais desses grupos, há, ainda, a necessidade de compatibilizar essa realidade territorial com crescimento das cidades, da geração de energia, da logística, dos transportes, dos sistemas de abastecimento, armazenagem e mineração e da própria agricultura.

Agroanalysis - Apesar de todas as áreas protegidas, os agricultores ainda devem preservar a Reserva Legal (RL) e as Áreas de Preservação Permanente (APPs). Esses conceitos são exclusivos do Brasil?

EM - Sim. O país campeão da preservação territorial exige que os agricultores assumam o ônus de preservar porções significativas no interior de seus imóveis rurais, num crescendo que chega a 80% da área da propriedade na Amazônia. Se, como a jabuticaba, RL e APP são exclusividades nacionais, é preciso distinguir conceito e definição. Aqui, as UCs excluem a presença humana, enquanto, na Europa, Ásia e Estados Unidos, pode haver agricultura, aldeias e diversas atividades nos parques nacionais, sem evocar a ampla visitação

turística. Não há bases científicas suficientes na definição de “RL” ou “APP”. Na lei, a APP é justificada, entre outras razões, para garantir a “estabilidade geológica”. Ou seja, essas faixas protegidas, com ou sem vegetação nativa, impediriam o movimento de placas tectônicas, terremotos ou subducção? Se fosse assim, o Japão deveria estudar o seu uso. A quantificação na RL e APPs é mais distante ainda de qualquer ciência. A dimensão da APP é função da largura do curso d’água, seja arroio no pampa, rio encachoeirado na serra do Espírito Santo, igarapé na Amazônia, corixo no Pantanal ou riacho intermitente no sertão do Ceará. Sempre igual. Qual a base pedológica, geomorfológica, climatológica ou hidrológica desse critério, que acomodo, ainda, a dimensão do imóvel?

Agroanalysis - Agricultura de baixo carbono para mitigar as mudanças climáticas e salvar o Planeta é ficção ou realidade?

EM - Segundo dados do International Energy Statistics, o Brasil é o 12º emissor e contribui com 1,4% das emissões globais de CO₂. Somente China e EUA juntos representam mais de 41% das emissões planetárias; os doze maiores emissores mundiais representam mais de 70%. Nas emissões de CO₂ por habitante, o Brasil ocupa a 79ª posição, com 2,4 toneladas per capita, enquanto os Estados Unidos estão em 5º lugar, com 17,6 toneladas per capita. Por unidade de PIB, o índice do Brasil é de 0,24 (90ª posição). Os esforços de redução das emissões brasileiras são louváveis,



mas sua capacidade de mitigação é muito pequena. O Brasil tem baixas emissões de CO₂ porque 45% de sua energia é renovável, contra uma média mundial de 18,6% e de apenas 7% nos países da OCDE. Esse resultado deve-se à agricultura. Ela garante 31% da matriz energética (68,3 M de TEP) e consome apenas 4,5% na matriz (9,1 M de TEP em combustíveis fósseis). Somente a cana-de-açúcar (etanol e bioeletricidade) garante mais energia na matriz (18%) do que todas as hidroelétricas juntas (13%). Diminuição do desmatamento e uso crescente de tecnologias (plantio direto na palha, integração lavoura-pecuária-floresta, OGMs etc.) reduzem ainda mais a emissão de CO₂ e ampliam a captura de carbono no solo. China, EUA e Europa é que precisam mitigar. Essa é uma pauta externa, trazida à nossa agricultura, que já é de baixo carbono. Eu gostaria muito de ver a mesma ênfase num programa de “cidadão urbano de baixo carbono”. Vocês conhecem algum em São Paulo?

Agroanalysis - As incertezas climáticas atuais e futuras implicam adaptar a agricultura e a sociedade?

EM - Não há dúvida. Esse grau de adaptação às flutuações climáticas interanuais, mensais e até diurnas varia entre cultivos anuais, plurianuais ou perenes e depende dos sistemas de produção, da capacidade de investimento e do uso de tecnologias. Não existe tecnologia que funcione sempre e em qualquer condição, salvo, talvez, a irrigação. Os agricultores são como investidores frente às incertezas climáticas. Alguns, por temperamento e condição, assumirão riscos maiores, buscarão mais produtividade e adotarão certas tecnologias; os mais conservadores, em circunstâncias análogas, adotarão outras tecnologias, perderão em produtividade, mas reduzirão os riscos e os impactos das variações climáticas. Ampliar a irrigação, a eletrificação, a mecanização, a armazenagem nas fazendas, a logística e o seguro rural seria um enorme avanço face às in-



certezas climáticas. Alguns querem mudar o clima e salvar o Planeta em cinquenta anos. Os agricultores precisam salvar agora a sua roça de hortaliças, milho, feijão e outras trivialidades. Desenvolvimento rural e inovações tecnológicas são a melhor garantia contra as incertezas climáticas presentes e futuras. Essa é a pauta climática dos produtores rurais brasileiros.

Agroanalysis - O monitoramento e o emprego de satélites podem ser considerados uma realidade agropecuária brasileira?

EM - A questão crítica é a da comunicação. Os satélites estão presentes na previsão meteorológica, nas comunicações, no GPS, na agricultura de precisão, na gestão territorial do agronegócio e em outras aplicações combinadas a drones e aerolevantamentos. Essas informações e serviços não chegam à maioria dos agricultores. O setor rural não está organizado e não se comunica nem consigo mesmo, nem com a sociedade. Em inovação e uso de satélites, isso é ainda mais dramático.

Centros de pesquisa voltam-se para pautas acadêmicas como se fossem departamentos de uma faculdade. Aumenta a distância entre os problemas dos agricultores e as prioridades dos pesquisadores. O clima de conflito e patrulhamento anunciado em sua primeira pergunta levou muito pesquisador a não se identificar com o setor rural e suas necessidades. O agronegócio, apesar de toda a agregação de valor tecnológico nos últimos anos, continua com uma posição passiva/reactiva em relação à comunicação e, especialmente, em relação à internet. Para entrar definitivamente na modernidade, conquistar a simpatia da população urbana e consolidar seu espaço político, o agronegócio – entidades, empresas, lideranças – deveria assumir posição ativa em relação aos seus processos de comunicação com a sociedade, promovendo o monitoramento qualitativo das mídias sociais e tradicionais na internet, bem como o mapeamento e monitoramento de influenciadores. Essas ações são fundamentais para construir estratégias, identificar tendências, orientar e alinhar a comunicação e a gestão de riscos.

As estimativas das safras de grãos 2013/2014

Por Gilda M. Bozza – Economista – DTE/FAEP



A produção brasileira de grãos na safra 2013/14 está estimada em 193,87 milhões de toneladas, cerca de 2,8% superior à safra anterior de 188,66 milhões de toneladas, significando um ganho de 5,21 milhões de toneladas. A área plantada é de 56,82 milhões de hectares, um aumento de 3,26 milhões de hectares. É o que apontam os dados do 10º levantamento de safras divulgado no último dia 09 pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

A produção brasileira de soja tem estimativa de 86,27 milhões de toneladas, e uma produtividade de 2.865 kg/hectare. No Paraná, segundo maior produtor nacional, a previsão é de 14,80 milhões de toneladas e produtividade de 2.950 kg/hectare, assinalando redução de produtividade haja vista o período de estiagem prolongado.

A produção brasileira de milho (verão + safrinha) está prevista em 78,19 milhões de toneladas. A produção milho 1ª safra ou verão deve alcançar 32 milhões, indicando queda de 7,4% em relação à safra anterior. Produtividade média de 4.966 kg por hectare. O milho 2ª safra ou safrinha tem estimativa de 46,18 milhões de toneladas e uma produtividade média de 5.094 kg por hectare.

O Paraná tem produção de milho total estimada em

15,34 milhões de toneladas e produtividade acima da média nacional, prevista em 5.960 Kg por hectare. Para o milho 1ª safra, a produção prevista é de 5,37 milhões de hectares e produtividade média de 8.045 kg por hectare. Já o milho 2ª safra tem previsão de 9,96 milhões de toneladas e produtividade média de 5.229 quilos por hectare.

A Conab trabalha com uma produção para o feijão de 3,53 milhões de toneladas (as três safras). O Paraná, principal produtor, deverá produzir 831,7 mil toneladas, com produtividade média de 1.647 kg por hectare.

Quanto ao trigo, a produção brasileira está prevista em 7,39 milhões de toneladas e uma produtividade média 2.816 quilos por hectare. A triticultura brasileira deverá aumentar a área plantada em 18,9% em relação à safra de 2013, alcançando 2.627,6 mil hectares contra 2.209,8 mil hectares da safra passada. No Paraná, que volta à posição de principal produtor, a área cultivada soma 1.332 mil hectares, significando um aumento de 34,2% em relação à safra anterior. O plantio atinge 84% da área prevista. A produção paranaense estimada é de 3,85 milhões de toneladas e produtividade média de 2.890 kg por hectare.

Mais de mil candidatos

Eleitorado paranaense alcança quase 7 milhões e 800 mil eleitores



A primeira lista de candidatos que ainda precisam ser analisados pelo Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE) mostra um total de 1.084 os postulantes a cargos eletivos que requereram registro para as eleições. Constan os nomes dos que disputam os cargos de governador, vice-governador, senador, deputado federal e deputado estadual.

Oito candidatos se inscreveram para concorrer ao cargo de governador. São eles, em ordem de inscrição: Gleisi Hoffmann (PT) da Coligação Paraná Olhando Para Frente, tendo como vice Haroldo Ferreira (PDT); Roberto Requião (PMDB), da Coligação Paraná Com Governo, e vice Rosane Ferreira (PV); Beto Richa (PSDB), da Coligação Todos Pelo Paraná, e vice Cida Borghetti (PROS); Bernardo Seixas Pilotto (PSOL) e vice Maicon Palagano; Geonísio César Marinho (PRTB) e vice Rodrigo Sottile; Ogier Buchi (PRP) e vice Valfredo Dzazio; Rodrigo Tomazini Dias (PSTU) e vice Érika Luciana Andreassy; Túlio Bandeira (PTC) e vice Ulisses Nogueira.

Para o Senado, foram oito candidatos inscritos e mais 16 suplentes, sendo Ricardo Gomyde (PCdoB), da Coligação Paraná Olhando Para Frente, e suplentes José Elizeu Chociai e Paulo Edson Pratinha Alves; Marcelo Almeida (PMDB), da coligação Paraná Com Governo, e suplentes Antonio Annibelli (PMDB) e Herculando Francisco; Álvaro Dias (PSDB) (Coligação Todos Pelo Paraná) e suplentes Joel Malucelli e Severino Nunes de Araújo; Luiz Romero

Piva (PSOL) e suplentes Olavo Aparecido Costa e Sérgio Ferreira dos Santos; Adilson dos Santos Silva (PRTB) e suplentes Pedro Luiz Ramos de Oliveira e Baptista Leite Cavalcante; Mauri Viana Pereira (PRP) e suplentes Celso Luiz Soares Rocha e Paulo Antonio Pereira Tinoco; Evandro José Castagna (PSTU) e suplentes Mateus Magalhães e Marcos Aurélio Dias; Luiz Antonio Bárbara (PTC) e suplentes Marcelo Sampaio e Helen Chalegre.

Para deputado federal se inscreveram 379 candidatos, enquanto que para deputado estadual são 665 os candida-

tos. Nas majoritárias, o Paraná terá as seguintes coligações: Coligação Paraná Olhando Para Frente (PRB/PDT/PT/PTN/PC do B); Coligação Paraná Com Governo (PMDB/PV); e Coligação Todos Pelo Paraná (PSDB/ PROS/ DEM/ PSB/ PSD/ PTB/ PP/ PPS/ PSC/ PR/ SD/ PSL/ PSDC/ PMN/ PHS/ PEN/ PTdoB). Os demais candidatos saem com chapa simples.

O eleitorado

Os grandes municípios do Estado concentram 31% do eleitorado - 2,4 milhões de eleitores de um total de 7.799.272 eleitores registrados no TRE-PR, 215 mil a mais do que em 2010. São eles: Curitiba, Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Cascavel e Foz do Iguaçu. O mapa eleitoral do Estado indica que os candidatos ao Palácio Iguaçu deverão dar atenção aos 69% de votantes dos municípios médios e pequenos que são essenciais para a vitória ou derrota, especialmente num cenário de disputa acirrada. Um dos maiores efeitos do eleitorado dos pequenos municípios ocorreu no segundo turno da eleição de 2006 para governador do Paraná. O então candidato à reeleição Roberto Requião (PMDB) venceu Osmar Dias (PDT) por uma diferença de apenas 10 mil votos – sobretudo dos municípios pequenos do Vale do Ribeira.

“Estamos voltando ao Brasil Colônia”

Agronegócio segura exportação, enquanto indústria afunda devido ao dólar

A tentativa de impedir uma valorização mais forte do dólar contraria um dos princípios da “nova matriz econômica” do governo Dilma Rousseff, que por algum tempo tentou conciliar expansão do gasto público com queda na taxa de juros e uma taxa de câmbio competitiva para as exportações.

Até fevereiro deste ano, o Planalto chegou a tolerar que o dólar passasse de R\$ 2,40, mas agora prefere cotações mais baixas. Exportadores afirmam que, no nível em que está, o câmbio corrói a competitividade dos produtos brasileiros, em especial os industrializados.

“A participação da indústria nas exportações está no nível mais baixo desde 1977. Estamos voltando ao Brasil Colônia”, diz José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). “O governo está atuando para não deixar o dólar subir. Inflação tira votos e as exportações não são uma prioridade. O objetivo é claramente o de controlar a inflação.”

No primeiro semestre, as exportações brasileiras recuaram 3%, para US\$ 110,5 bilhões – o valor mais baixo para o período desde 2011. Mesmo com o dólar relativamente barato, as importações caíram 4%, para US\$ 113 bilhões, em claro sintoma do desaquecimento da economia brasileira.

A chamada “taxa de câmbio real” também sugere que o real está sobrevalorizado. Esse índice, que é calculado pelo Banco Central e considera a variação da inflação no Brasil e nos Estados Unidos, indica que a moeda brasileira está mais valorizada do que há 20 anos – um sinal de que a situação dos exportadores é mais complicada hoje do que nos primeiros tempos do Plano Real.

Segurando as pontas

As exportações do agronegócio brasileiro renderam US\$ 9,61 bilhões em junho, crescimento de 4,7% em comparação ao mesmo período do ano passado, informou nesta quarta-feira (03) o Ministério da Agricultura. Como as importações alcançaram US\$ 1,21 bilhão (queda de 5,5% na mesma comparação), a balança comercial do setor registrou um superávit de US\$ 8,40 bilhões, alta de 6,3% ante junho de 2013.

Mais uma vez, os embarques do complexo soja (que inclui farelo, óleo e soja em grão) estiveram na dianteira, com uma receita de US\$ 4,62 bilhões e 8,73 milhões de toneladas embarcadas. A soja em grão foi o produto de maior receita dentro do complexo (US\$ 3,57 bilhões).

Em segundo lugar veio o setor de carnes, com US\$ 1,42 bilhão e 489 mil toneladas embarcadas. Conforme o ministério, a carne de frango foi destaque, com US\$ 617 milhões em receita no período. A carne bovina gerou US\$ 582 milhões, e a suína e de peru, US\$ 167 milhões e US\$ 22 milhões, respectivamente.

Já as vendas externas do complexo sucroalcooleiro renderam US\$ 867 milhões no mês passado. O açúcar foi o principal item comercializado, com vendas de US\$ 755 milhões. Os produtos florestais, liderados pelas vendas de papel e celulose, alcançaram US\$ 792 milhões e 1,35 mil toneladas embarcadas.

O principal destino dos embarques do agronegócio brasileiro em junho foi a Ásia, com 42,6% de participação na receita total, seguida pela União Europeia, com cerca de 23%.

Nos últimos 12 meses, as exportações do setor totalizam US\$ 99,51 bilhões. Desse total, US\$ 33,85 bilhões vêm do complexo soja, US\$ 16,82 bilhões do setor de carnes e US\$ 11,98 bilhões do complexo sucroalcooleiro.



Soluções práticas e baratas

Embrapa Hortaliças desenvolve equipamentos para pequenas propriedades



Mesa para seleção



Unidade de sombreamento e carrinho

Reduzir custos e perdas na colheita, aplicando boas práticas na pós-colheita de hortaliças, fase que compreende seleção, classificação, limpeza, armazenamento, transporte e comercialização. Com esses objetivos a Embrapa Hortaliças desenvolveu equipamentos para facilitar a vida em pequenas propriedades dedicadas à horticultura. Todos são simples de produzir, possuem baixo custo e oferecem ganhos imediatos, inclusive para a saúde do agricultor.

Um carrinho foi desenvolvido para facilitar o transporte dos frutos no campo, no mercado e permitir colher mais rapidamente. Seu uso preserva as caixas limpas e, ao evitar o contato com o solo, reduz a contaminação e a transmissão de doenças para as hortaliças.

A postura inadequada e o carregamento de peso excessivo são outros problemas recorrentes ao agricultor familiar. Para esse problema foi desenvolvido, além do carrinho, uma mesa para seleção de hortaliças com pés reguláveis. As paredes laterais podem ser arranjadas para se obter uma mesa com cocho (depósito de contenção) ou com bica (calha para direcionar os frutos selecionados).

Este equipamento ergonômico reduz o risco de o agricultor desenvolver lesões ou doenças osteomusculares, também conhecidas por DORT. A mesa contribui para o aumento da produtividade e da qualidade do trabalho, já que minimiza a sobrecarga da coluna vertebral do trabalhador. Em relação aos benefícios para as hortaliças, a mesa facilita a visualização dos frutos doentes.

O valor da sombra

A Unidade Móvel de Sombreamento (UMS) ajuda os agricultores a proteger a produção. Trata-se de uma estrutura simples que deve ser instalada próxima à lavoura para receber as hortaliças após a colheita. Ela exige muito menos recursos do que a construção de um galpão. A temperatura interna alta em hortaliças causa danos visíveis como frutos manchados e murchos, o que aumenta as perdas.

“A exposição ao sol acelera a desidratação e o amadurecimento, tornando as hortaliças mais suscetíveis à podridão e menos atraente ao consumidor”, explica a pesquisadora Milza Moreira Lana, da Embrapa Hortaliças.

Serviço: Todos são simples de produzir, possuem baixo custo, cerca de R\$ 315,00. Para obter informações de como construir a unidade de sombreamento e a mesa. A Embrapa está elaborando a cartilha sobre a construção do carrinho e em breve divulgará o link. acesse os links:

Unidade de sombreamento:

<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/103622/1/COT-90-2ed-.pdf>

Mesa para seleção:

<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/101840/1/cot-98.pdf>



Livro sobre suínos

A Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), em parceria com o Sebrae Nacional, lançará no dia 24 de julho, o livro “Produção de Suínos: Teoria e Prática”, no qual sintetiza os conhecimentos científicos e práticos responsáveis por tornar a suinocultura brasileira uma das mais tecnificadas e avançadas do mundo. A obra, que também poderá ser baixada gratuitamente pelo site da ABCS (<http://www.abcs.org.br/>), é resultado de dois anos de trabalho organizado pela Associação, com coordenação técnica da Integrall – Soluções em Produção Animal, e reúne 109 artigos de 107 dos melhores especialistas em suinocultura do país em mais de 900 páginas de conteúdo qualificado. O material está alinhado ao propósito do Projeto Nacional de Desenvolvimento da Suinocultura (PNDS) e realiza uma abordagem capaz de contribuir para o desenvolvimento da atividade de maneira economicamente viável e ambientalmente correta.

Agroleite 2014

No período de 4 a 8 de agosto acontece, no Parque de Exposições Dário Macedo, em Castro, a Agroleite 2014. O evento é voltado a todas as fases da cadeia produtiva e ocorre todos os anos na capital nacional do leite. Exposição de animais, torneio leiteiro, clube de bezerras, leilão, dia de campo e dinâmica de máquinas, estão na programação da feira. Também serão realizados fóruns, seminário internacional e painel para discutir genética, alimentação, qualidade animal, qualidade do leite e tecnologias voltadas ao setor. Confira a programação da feira, acesse www.agroleitecastrolanda.com.br/



Fórum da pecuária leiteira

Durante o evento, no dia 4 de agosto, a Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (APCBRH) promove o Fórum da Pecuária Leiteira 2014. Programa de melhoramento genético das cooperativas Castrolanda, Batavo e Copal e utilização do melhoramento genético e do teste genômico para a seleção de animais superiores, fazem parte da programação do evento. O fórum começa às 13h30 e as inscrições são gratuitas. Mais informações no site www.holandeparana.com.br

Embarque de café brasileiro sobe em 2014, mas receita cai

Em junho, o volume das exportações brasileiras de café aumentou 9,9% na comparação com o ano-safra anterior, alcançando 33,972 milhões de sacas. No entanto, a receita do grão caiu 11,6% em relação ao ciclo 2012/13, somando US\$ 5,327 bilhões, de acordo com dados do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CeCafé). O volume exportado foi 5% superior à expectativa do setor. Esse aumento foi influenciado por vendas de estoques acumulados. A queda da receita é fruto das baixas cotações no mercado internacional. Em janeiro de 2014, o preço médio das exportações foi de US\$ 138,55 por saca de 60 quilos. (Fonte: Valor Econômico)





5 de julho de 1982

Aos 10 anos, José Carlos Vilella Jr. foi protagonista de um dos melhores momentos do jornalismo brasileiro. Na tarde de 5 de julho de 1982, no estádio do Sarriá, em Barcelona, ele foi clicado pelo fotógrafo Reginaldo Manente enquanto chorava a eliminação brasileira na Copa da Espanha. O jogo foi Itália 3 x Brasil 2. No dia seguinte, seu rosto triste estampava a capa do “Jornal da Tarde”, na edição de maior tiragem da história de um dos mais importantes jornais de São Paulo. Somente a foto, ampliada, sem texto nenhum além da data da tragédia do Sarriá. A imagem ganhou o Prêmio Esso, prêmio maior entre os jornalistas do país.



8 de julho de 2014

Trinta e dois anos depois da chamada tragédia do Sarriá e após 64 anos do Maracanazo, quando o Uruguai nos eliminou, vivemos o “Mineiraço”. Na blitzkrieg (guerra relâmpago usada na Segunda Guerra) de gols da seleção alemã no dia 7 de julho, a TV captou essa imagem do menino no estádio da derrota brasileira por 7 a 1. Nova tragédia, humilhação, vergonha, não! Basta a expressão dos meninos de 1982 e 2014.

Leitor em Foco



Anne Elise Barboza Garcia, de Mandaguçu – PR, enviou essa foto de uma mariposa do gênero “spodoptera” colocando ovos.



Patrícia Linhares Sala, a Pati, de Altônia (PR) enviou essa foto dela com uma arara azul do Parque das Aves em Foz de Iguaçu.

CAMPINA DA LAGOA



Artesanato Milho

De 25 a 27 de junho o Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou o curso Artesanato Cestaria e Trançados - artesanato em palha de milho – flores. O curso teve a participação de 14 produtoras rurais com a instrutora Marli de Freitas Malacrida.

CORBÉLIA



Mandioca

Nos dias 23 e 24 de junho, o Sindicato Rural de Corbélia, em parceria com o SENAR-PR e a Universidade Coopavel (UNICOOP), realizou o curso de Produção Artesanal de Alimentos – beneficiamento e transformação caseira de mandioca - básico em mandioca, no Distrito de Ouro Verde do Piquiri, em Corbélia. Participaram 10 produtoras rurais com a instrutora Zeli da Conceição Ferreira de Oliveira.

CIANORTE



Inclusão digital

O Sindicato Rural de Cianorte realizou de 30 de junho a 01 de julho, em parceria com a Prefeitura de Indianópolis, o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris – inclusão digital – básico. Participaram 10 produtores rurais com o instrutor Sérgio Takashi Noguchi. As aulas aconteceram na sede da Assistência Social de Indianópolis (CRAS).

CASCAVEL



Festa junina

Em sua sede, o Sindicato Rural de Cascavel realizou mais uma edição da tradicional Festa Junina nos dias 30 de junho e 1º de julho. A entidade recepcionou os associados com comidas e bebidas típicas.

GUARAPUAVA



Mulher Atual

O Sindicato Rural de Guarapuava encerrou no dia 13 de junho em sua extensão de base de Cantagalo mais uma turma do Programa Mulher Atual. O curso foi realizado em parceria com a Cooperativa Agroindustrial (Coamo). Participaram 21 produtoras rurais com a instrutora Ednilza Godoy Vieira.

IBIPORÃ



Agrotóxicos

Nos dias 13, 18 e 24 de junho, o Sindicato Rural de Ibiporã realizou o curso de Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - NR 31 com o instrutor Eder Paulo Arrabal Arias. Fizeram parte do grupo 15 produtores rurais, filhos de produtor e funcionários rurais.

CAMPO LARGO



Posse

No dia 05 de junho foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Campo Largo. Foram eleitos: Ignacio Kmiecik como presidente; Vivaldo Spak, vice-presidente; Miguel Espak, secretário e Agostinho Spak, tesoureiro.

IPIRANGA



Posse

Em 06 de junho foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Ipiranga. O evento contou com a presença do diretor financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia. Foram eleitos: Florindo Boschirolli Bonfiglio como presidente; Jondino Casagrande, vice-presidente; João Conrado Schmidt e Antônio Viniski, secretários, e Rubens Selski e João Raimundo de Almeida, tesoureiros.

NOVA AURORA



Posse

No dia 27 de junho foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Nova Aurora. Foram eleitos: Itacir Braun como presidente; Osmar Arno Hubner, vice-presidente; Valdir Dionísio Stefanello, secretário e Ari Perci Linzmeier, tesoureiro.

REALEZA



JAA / Pecuária Leiteira

O Sindicato Rural de Realeza ofereceu em seu auditório, no período de 07 de abril e 03 de junho, as aulas teóricas do Programa Jovem Agricultor Aprendiz - Pecuária Leiteira. O curso teve a participação de 13 alunos da Casa Familiar Rural de Realeza. O instrutor foi Marcelo Rodrigo Zatta

RIBEIRÃO DO PINHAL



Agricultura de precisão

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal ofereceu de 12 a 16 de junho o curso Trabalhador na Agricultura de Precisão - introdução à agricultura de precisão. Participaram do curso 12 agricultores com o instrutor Carlos Eduardo Pinto Lima Graziano.

SERTANÓPOLIS



Gestão Rural

O Sindicato Rural de Sertãoópolis ofereceu, em parceria com a Cocamar, de 19 a 23 de maio, o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris – gestão rural – básico. Participaram 12 produtores rurais com a instrutora Elizângela Cristina Caparroz.

SANTO A. DA PLATINA



Pastagens

O Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina realizou nos dias 01, 02 e 03 de julho o curso Trabalhador na Forra-
gicultura - estabelecimento, recuperação e reforma de
pastagem. Participaram produtores rurais com o instrutor
Luciano Hipólito de Amorim.

UBIRATÃ



Inclusão digital

O Sindicato Rural Patronal de Ubatã realizou no
período de 30 de junho à 02 de julho, em parceria
com a Faculdade Dom Bosco, o curso Trabalhador na
Administração de Empresa - inclusão digital avançado
24 horas. Participaram 15 produtores com a instrutora
Tânia Dirlene Ratz Gerstne

TIBAGI



Agrotóxicos

O Sindicato Rural de Tibagi realizou nos dias 26, 27 e 28 de
junho o curso de Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos
- tratorizado - autopropelido - NR 31. Participaram nove
produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Antônio
Kreniski Junior.

ASTORGA

Empreendedor
Rural

O Sindicato Rural de Astorga iniciou no dia 27 de junho
nas dependências da Associação Atlética do Banco do
Brasil, mais uma turma do Programa Empreendedor
Rural. Participam 23 produtores rurais com o instrutor
Luiz Carlos Grossi.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

Cultura inútil

- As formigas se espreguiçam pela manhã quando acordam.
- Os golfinhos dormem com um olho aberto.
- Um terço de todo o sorvete vendido no mundo é de baunilha.
- As unhas da mão crescem aproximadamente quatro vezes mais rápido que as unhas do pé.
- Os destros vivem em média nove anos a mais que os canhotos.
- O “quack” de um pato não produz eco e ninguém sabe por quê.
- É impossível espirrar com os olhos abertos.

Flores

O perfume das flores age como chamariz para agentes polinizadores como mariposas, moscas e outros insetos. Atraídos pelo odor, que insinua a possibilidade de encontrar alimento, eles acabam pousando na flor, que é nada menos que o órgão reprodutor das plantas chamadas angiospermas.

Nosso parente

Rato (*Ratus norvegicus*) é um bicho e cobaia (*Cavia porcellus*), também conhecido como porquinho-da-índia ou preá, é outro. Junto com o camundongo e o hamster, são os quatro animais preferidos dos cientistas para a realização de experiências em laboratório. A escolha se dá por vários motivos. Primeiro, sua fisiologia é bastante semelhante à humana. Depois, seu período de gestação, de apenas 21 dias (o mesmo do camundongo), é muito curto, o que faz com que os resultados das experiências possam ser checados rapidamente.



O inferno

A garota chega para a mãe, reclamando do namorado:
- Manhê, o Leônidas me disse que não acredita que exista inferno.
- Case-se com ele, minha filha e deixe o resto comigo.

Escondidas

A antiga União Soviética possuía cidades fantasmas que não apareciam nos mapas até o final dos anos 80. Hoje sabemos de sua existência, mas só é permitido entrar nelas com autorização do Ministério da Defesa e/ou Agência de Energia Atômica Russa. Juntas, abrigam mais de 1, 5 milhão de habitantes. Entre as mais famosas estão Kraznoznamensk, Ozyorsk e Vilyuchinsk

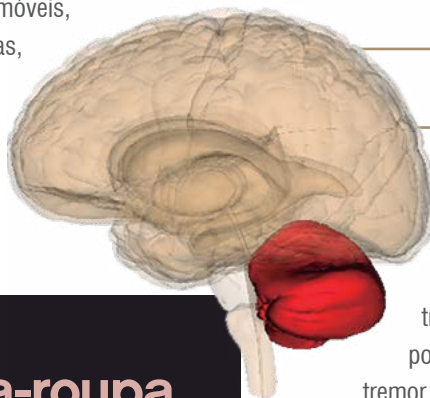


Há 102 anos

A fórmica surgiu em 1912 quando o engenheiro Daniel J. O'Connor e seu amigo Helbert A. Faber, funcionários da empresa Westinghouse Electric, começaram a pesquisar e desenvolver um material que substituísse a mica (filossilicato), usada na época em instalações e isolamentos elétricos (principalmente nos ferros de passar roupa). Usaram material celulósico (papel) impregnado com resina fenólica, submetido à alta pressão e temperatura, eles criaram um novo produto: o substrato fenólico. Em 1913, eles saíram da Westinghouse, patentaram o produto e o registraram com a marca FORMICA.

Homogênea

O MDF (Medium-Density Fiberboard), é um painel de fibras de madeira com composição homogênea em toda a sua superfície como em seu interior. Graças a sua resistência, estabilidade é possível obter-se acabamentos em móveis, artesanatos, molduras, rodapés, colunas, balaústres, divisórias, forros. O MDF sai da fábrica isento da presença de insetos, pois sua constituição forma uma barreira efetiva ao ataque da maioria de insetos furadores.



Efeitos

A região mais atacada pelo álcool é o cerebelo, a parte do cérebro responsável pela coordenação motora. Os efeitos mais comuns dessa desregulação são as mãos trêmulas no dia seguinte. Em casos extremos, pode rolar desequilíbrio e quedas, além de tremor por todo o corpo.

Guarda-roupa

Em "Cleópatra" (1963), Elizabeth Taylor usou 65 roupas diferentes. Outras 40 não chegaram a aparecer. O total de figurinos dessa produção foi de 26 mil. Perdeu para os 32 mil do épico "Quo vadis" (1951).



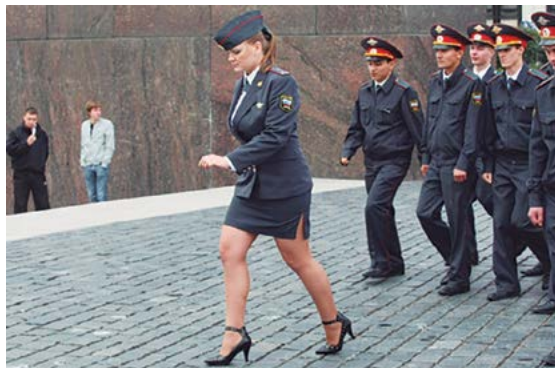
Vina wurst

Diz a lenda que a salsicha é conhecida como cachorro quente, porque um cozinheiro alemão de Frankfurt possuía um cão bassê - dachshund em alemão -, termo que acabou batizando a salsicha produzida por ele. Um imigrante alemão, Charles Feltman, quem levou esse item em especial para os Estados Unidos, criando, por volta de 1870, um sanduíche com molhos variados que ele mesmo vendia pelas ruas em um carrinho. Mas em Curitiba salsicha é "vina", de "wienerwurst"



Saia curta? Niet!

O Ministério do Interior da Rússia proibiu qualquer modificação no uniforme das policiais, em resposta ao crescente número de saias curtas usadas. O Sindicato dos Policiais culpou o governo pela insuficiência de vestiários nos departamentos policiais. Mikhail Páchkin, presidente do conselho de coordenação do Sindicato dos Policiais moscovitas declarou não haver qualquer motivo para reclamações. "Talvez as garotas queiram casar. A propósito, elas estão pensando na situação demográfica".



O BOM HUMOR DA POLITICA

A palavra continua sendo o fermento dos políticos, principalmente em época de eleições. Mas é verdade que “nos antigamente” havia mais criatividade e frases espirituosas, irônicas sobre os personagens desse mundo. Algumas delas tornaram-se folclóricas pelo conteúdo bem-humorado, mas revelador do comportamento nas eleições ou fora delas.

Mandamentos do político mineiro:

- Aos inimigos, quando estão no poder, não se pede nada. Nem demissão.
- Respeitar, sobretudo, o padre que consegue votos; o juiz, que proclama o eleito; e o soldado, que garante a posse.
- Nas horas difíceis, cabe ao líder comandar: “Preparemo-nos e vão”.
- Voto comprado não é atraso, é progresso. Se o voto é comprado é porque tem valor.
- Em briga de político, geralmente perdem os dois.
- Mais vale quem o governo ajuda do que quem cedo madruga.

José Cavalcanti, o filósofo de Patos (Paraíba):

- O homem de responsabilidade política não mente: inventa a verdade.
- Político é o indivíduo que pensa uma coisa, diz outra e faz o contrário.
- O político, quando se elege, assume dois compromissos: um com ele mesmo e outro com o povo. O primeiro normalmente ele cumpre.
- Dinheiro é como azeite em eleição: por onde passa, amolece.
- Político sem mandato é como chocalho sem badalo: balança mas não toca.

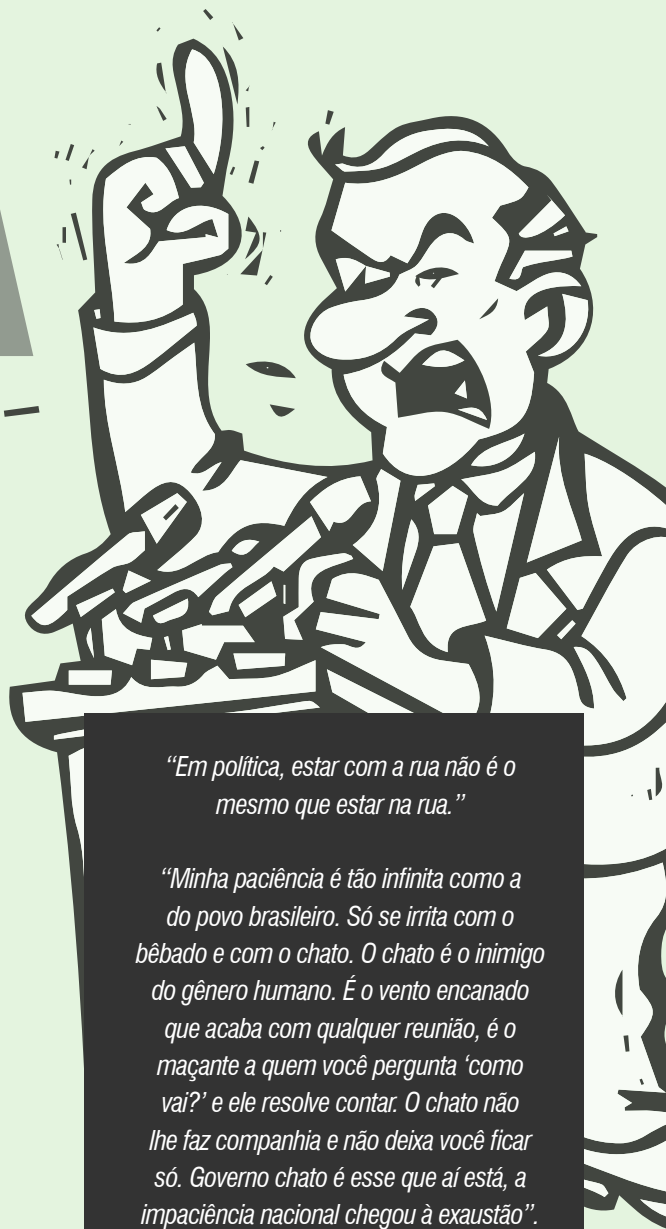
João Agripino (deputado, senador e governador da Paraíba)

é como mandacaru: não dá sombra nem encosto.

- Político pobre é como mamoeiro: quando dá muito, dá duas safras.
- Oposição para os governos é como grama de jardim: tem direito de viver, mas sem direito de crescer.
- Oposição é como pedra de amolar: afia mas não corta.

Domingos, filósofo de Jaguaquara (Bahia):

- Oposição e sapato branco só é bonito nos outros.
- Sabedoria, quando é demais, vira bicho e come o dono.
- Candidato é como mulher da vida: se não ficar na janela, marinheiro não vê.



“Em política, estar com a rua não é o mesmo que estar na rua.”

“Minha paciência é tão infinita como a do povo brasileiro. Só se irrita com o bêbado e com o chato. O chato é o inimigo do gênero humano. É o vento encanado que acaba com qualquer reunião, é o maçante a quem você pergunta ‘como vai?’ e ele resolve contar. O chato não lhe faz companhia e não deixa você ficar só. Governo chato é esse que aí está, a impaciência nacional chegou à exaustão”.

Deputado Ulysses Guimarães
(sobre os governos militares)

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| ☐ Mudou-se | ☐ Falecido |
| ☐ Desconhecido | ☐ Ausente |
| ☐ Recusado | ☐ Não procurado |
| ☐ Endereço insuficiente | |
| ☐ Não existe o nº indicado | |
| ☐ Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____

Responsável _____

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br